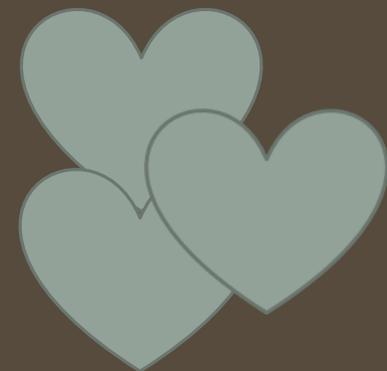
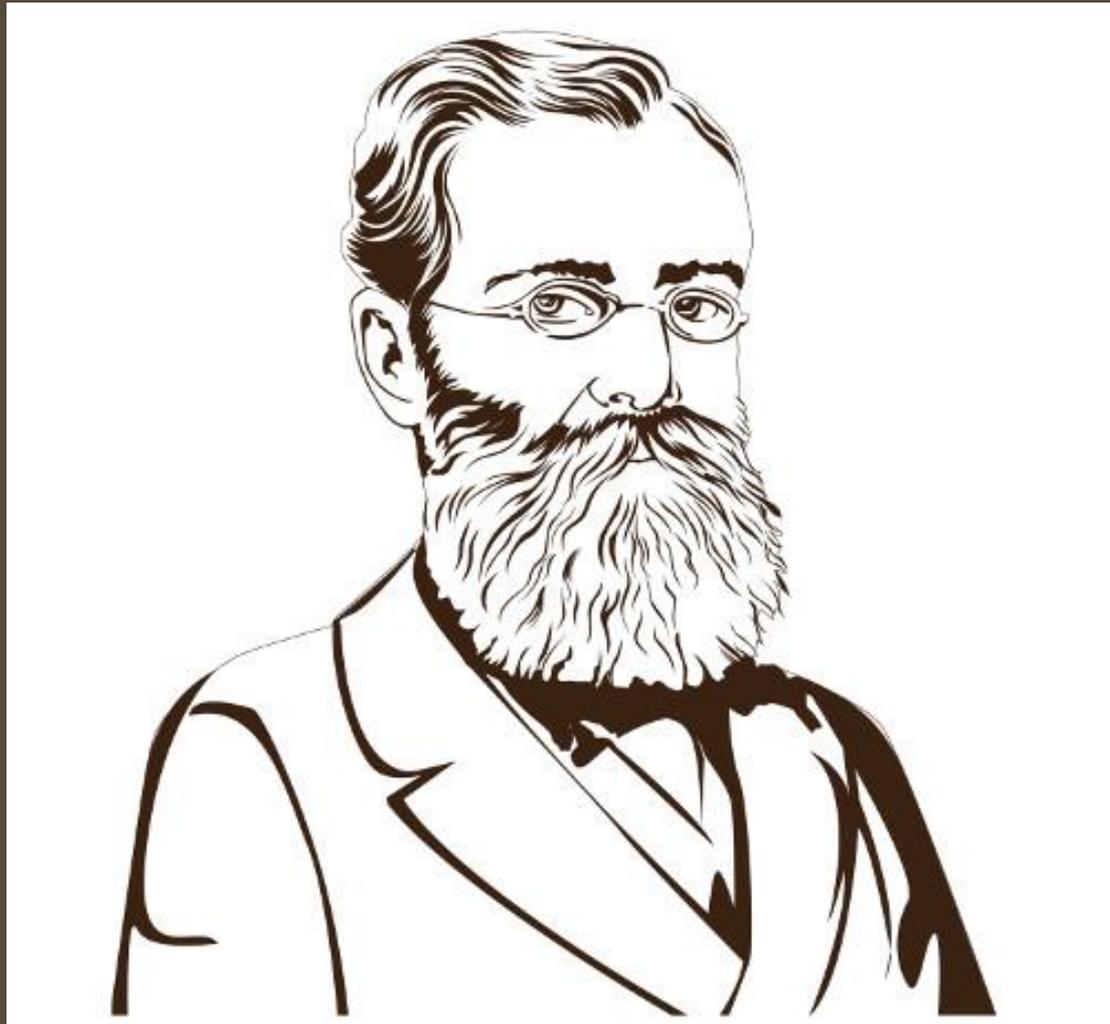




ROMANTISMO
PROSA IV
220/2020





José de Alencar
(1829 - 1877)

Os críticos costumam dividir em quatro as fases principais de sua produção:

a) urbana ou social: *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *A pata da gazela* (1870), *Sonhos d'ouro* (1872), *Senhora* (1875), *Encarnação* (1893);

b) indianista: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865), *Ubirajara* (1874);

c) histórico: *As Minas de Prata* (1865), *Guerra dos Mascates* (1873);

d) regionalista: *O gaúcho* (1870), *O Tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872), *O Sertanejo* (1875).

Romance indianista



O romance indianista traz à tona a vida, cultura, crença e costumes indígenas. O índio surge como

herói, representando o Brasil e os brasileiros, sendo corajoso, heroico, forte, idealizado. Há uma **valorização da natureza** e o espaço onde ocorre a narrativa remete ao natural, à paisagem brasileira.

Características

principais:

- ~ Nacionalista;
- ~ Exaltação da natureza;
- ~ Idealização do índio;
- ~ Temas históricos;
- ~ Resgate de lendas;
- ~ Índio como um herói, europeizado, quase medieval;
- ~ Contato do índio com o europeu colonizador...

O Brasil, agora uma nação **independente**,
precisava definir seus **heróis nacionais** e os
autores indianistas viam o **índio** como o
personagem **ideal** por ser quem primeiro expressou
amor às terras brasileiras, defendendo seu território e
seu povo contra os colonizadores europeus.

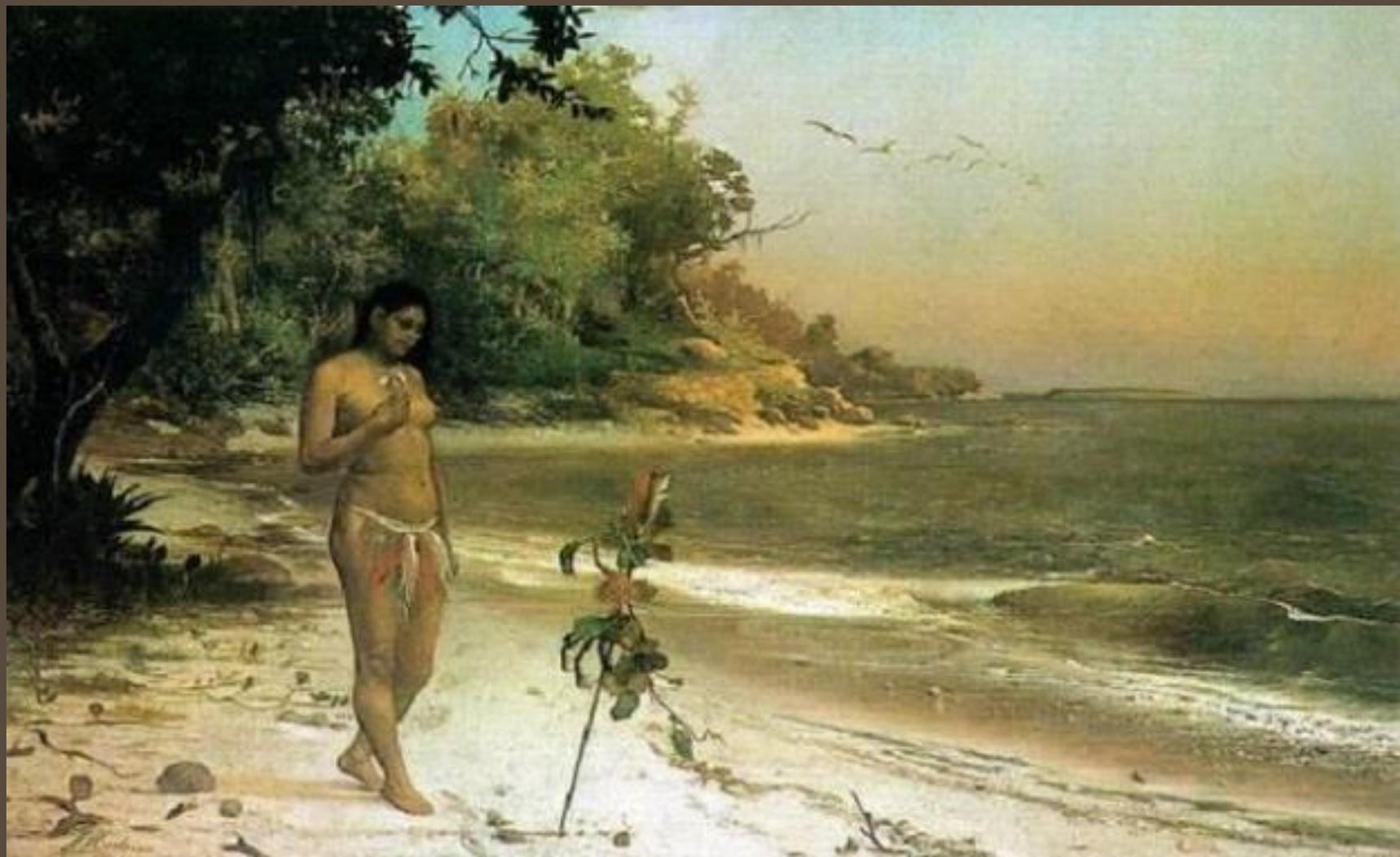
Outros autores, como o Padre Anchieta, Basílio da Gama e Gonçalves Dias já haviam versado sobre a singularidade do índio brasileiro, porém, com o desenvolvimento da prosa e a **popularização dos romances de folhetins**, Alencar pôde não apenas criar histórias, mas também desenvolver e difundir junto aos seus leitores um **sentimento de nacionalidade** mais abrangente e que tocasse em todos os seus leitores baseando-se nos **heróis medievais europeus**, **símbolos de honra e bravura**.

Romances indianistas

Iracema

O Guarani

Ubirajara



Iracema (1881), tela do pintor José Maria de Medeiros inspirada na personagem de José de Alencar.

Iracema

(1865)



O romance apresenta uma história de amor cujo pano de fundo é o conflito entre as tribos indígenas que habitavam o litoral e o interior do território brasileiro e os conflitos entre os indígenas e os colonizadores europeus.

Alencar pretende apresentar uma história baseada na lenda que deu origem ao primeiro habitante

nascido no Brasil: **Moacir**, nome que significa "filho da dor" e seria o filho entre a bela índia dos lábios de mel e o guerreiro português Martim.

O romance pode ser considerado uma obra em "prosa poética", pois apresenta uma narrativa épica, um lirismo amoroso e todo um trabalho com o vocabulário, porém, em formato de romance.

Alencar não o fez em forma de verso por julgar que os nativos brasileiros não combinavam com o estilo classicista, tão distante em tempo e espaço dos gregos e romanos, e que a literatura brasileira deveria manifestar seu ideal de nacionalidade por meio da língua, desenvolvendo uma escrita e um estilo próprios, desvinculados do clássico.

Segundo o próprio Alencar, em carta endereçada ao Dr. Jaguaribe e anexada ao final do romance:

Sem dúvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua língua as ideias, embora rudes e grosseiras, dos índios; mas nessa tradução está a grande dificuldade; é preciso que a língua civilizada se molde quanto possa a singeleza primitiva da língua bárbara; e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturais na boca do selvagem. (...) A elasticidade da frase permitiria então que se empregassem com mais clareza as imagens indígenas, de modo a não passarem despercebidas. Por outro lado, conhecer-se-ia o efeito que havia de ter o verso pelo efeito que tivesse a prosa.

José de Alencar escreveu o livro Iracema em prosa poética, o que também pode se dizer poema em prosa.

Isso significa que usou de muitas metáforas, comparações, musicalidade, hipérboles e muitas outras figuras de linguagem.

É considerado um romance de difícil leitura em função de seu vocabulário rebuscado e das inúmeras descrições que o autor faz da natureza e as comparações com seus personagens.

Iracema pode ser considerado um anagrama de "**América**", assim, Alencar estaria demonstrando como se deu a conquista das terras e a formação social do continente: pela exploração da natureza e da subjugação dos índios aos hábitos e ao trabalho dos colonizadores.

*“Além, muito além daquela serra, que
ainda azulada no horizonte, nasceu
Iracema. Iracema, a virgem dos lábios
de mel, que tinha os cabelos mais
negros que a asa da graúna e mais
longos que seu talhe de palmeira. O favo
da jati não era doce como seu sorriso;
nem a baunilha recendia no bosque
como seu hálito perfumado.*

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto. Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela.

Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru te palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta.

*Ergue a virgem os olhos, que o sol não
deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela
e todo a contemplá-la, está um guerreiro
estranho, se é guerreiro e não algum mau
espírito da floresta. Tem nas faces o branco
das areias que bordam o mar; nos olhos o
azul triste das águas profundas. ”*

A narrativa da lenda de Iracema inicia com uma cena em que o guerreiro **português Martim Soares Moreno**, aliado da tribo dos Pitiguaras, tribo habitante das terras litorâneas, se perde nas matas do território próximo à tribo dos Tabajaras, inimigos, habitantes das terras do interior. Lá, é surpreendido pela bela **índia Iracema**, que ameaça matá-lo com uma flecha. Iracema é **filha de Araquém**, pajé dos tabajaras, e **sacerdotisa vestal** que guarda o **segredo** /mistério/sonhos **de Jurema**, uma espécie de licor com propriedades alucinógenas.

Ela e sua tribo acolhem Martim como hóspede e, na noite em que ocorrem as celebrações para **Irapuã**, o maior chefe da nação tabajara, o guerreiro branco decide fugir. Iracema o impede, alertando sobre os perigos da mata e pede para que ele espere pelo retorno de **Caubi**, seu irmão, para que possa guiá-lo em segurança no dia seguinte.

Martim e Iracema se **apaixonam**, o que desperta a ira de Irapuã, zeloso do papel que a jovem índia deve cumprir para com a sua tribo.

Como guardiã do

segredo de jurema,

Iracema deve permanecer virgem,
porém, entrega-se a Martim em uma
noite em que o guerreiro, sob o efeito
do líquido alucinógeno entregue por
Iracema, sonhou namorar a índia
(quando, na verdade, estava mesmo).

O guerreiro decide partir da tribo dos tabajaras para se ver livre de Irapuã quando **Iracema revela o que acontecera enquanto Martim sonhava** e se dispõe a acompanhá-lo.

Os dois partem ao encontro de Poti, chefe da tribo dos Pitiguaras e considerado por Martim como um irmão. Irapuã os segue, o que acaba por causar um conflito entre as duas tribos inimigas.

Iracema passa a viver com Martim, que adota o nome indígena de **Coatiabo**, e parece se desinteressar pela índia.

Grávida, Iracema sofre com o desdém e com as ausências de seu amado.

Coatiabo ("guerreiro pintado" ~ "tinha nas faces o branco das areias, nos olhos o azul triste das águas e os cabelos da cor do sol."

Ao regressar de uma batalha, **Martim** encontra **Iracema** e seu **filho**, porém, a índia se encontra muito debilitada. Já sem forças, a índia entrega o filho **Moacir**, palavra indígena que significa "o nascido do sofrimento", e pede que Martim a enterre aos pés de um **coqueiro** de que ela tanto gostava.

Este lugar onde Iracema supostamente estaria enterrada, segundo a **lenda**, passou a se chamar **Ceará**, que significa "canto da jandaia", ave favorita de Iracema.

Martim decide retornar para a
Europa, levando consigo o filho Moacir.

Quatro anos mais tarde, retorna ao
Brasil com o filho para auxiliar na implantação
da fé cristã.

Poti, o chefe dos Pitiguaras, recebe o nome
português de Felipe Camarão e os dois ajudam
o comandante Jerônimo de Albuquerque na
luta contra os holandeses.

Vestal ~~ significa uma sacerdotisa que deveria se manter casta, isto é, virgem, preservando-se para a vida e para os rituais sagrados de sua tribo.

A narrativa de Iracema é fragmentada e o capítulo I inicia com a cena em que Martim e Moacir estão retornando ao Brasil.

Do capítulo II ao XXXII, ocorre a narrativa da lenda da Iracema, para, no capítulo XXXIII, retornar à cena da chegada de Martim e Moacir às terras americanas.

Moacir simboliza o primeiro brasileiro nascido da miscigenação índio X português. Duas vezes filho da dor de Iracema: dela nascido e, também, dela nutrido. Tal mescla de vida e morte, de dor e de alegria, acha-se tematizada pelo leite branco, ainda rubro do sangue de que se formou.

O amor que Iracema possuía por Martim, que a fez abandonar sua tribo e a sua família, é uma clara referência a submissão do índio ao colonizador português.

Personagens

Iracema – (lábios de mel) – índia

da tribo dos tabajaras, filha de Araquém, velho pajé; era uma espécie de vestal (no sentido de ter a sua virgindade consagrada à divindade) por guardar o segredo de Jurema (bebida mágica utilizada nos rituais religiosos); anagrama de América. Forte, sedutora, mas submissa. Heroína trágica.

Martim Soares Moreno –
guerreiro branco, colonizador europeu, amigo
dos Pitiguaras, habitantes do litoral,
adversários dos tabajaras; os Pitiguaras lhe
deram o nome de Coatiabo ("guerreiro
pintado" ~ "tinha nas faces o branco das areias,
nos olhos o azul triste das águas e os cabelos
da cor do sol."

Moacir ~ Filho de Iracema e Martim, filho do sofrimento.

Poti – herói dos Pitiguaras, amigo – que se considerava irmão – de Martim.

Irapuã ~ chefe dos tabajaras; apaixonado por Iracema. Ciumento e corajoso. Seu nome significa "mel redondo".

Caubi – índio tabajara, irmão de Iracema.

Analizando...

(Enem 2014 – PPL)

A mitologia comparada surge no século XVIII. Essa tendência influenciou o escritor cearense José de Alencar, que, inspirado pelo estilo da epopeia homérica na *Iliáda*, propõe em *Iracema* uma espécie de mito fundador do povo brasileiro. Assim como a *Iliáda* vincula a constituição do povo helênico à Guerra de Troia, deflagrada pelo romance proibido de Helena e Páris, ***Iracema vincula a formação do povo brasileiro aos conflitos entre índios e colonizadores, atravessados pelo amor proibido entre uma índia — Iracema — e o colonizador português Martim Soares Moreno.***

A comparação estabelecida entre a *Iliada* e *Iracema* demonstra que essas obras:

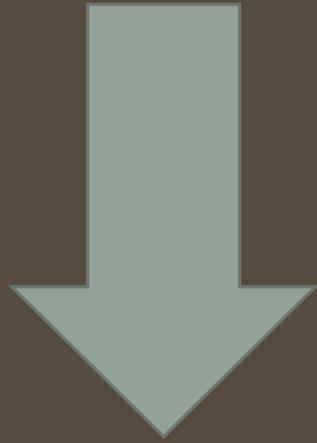
a) combinam folclore e cultura erudita em seus estilos estéticos.

b) articulam resistência e opressão em seus gêneros literários.

c) associam história e mito em suas construções identitárias.

d) refletem pacifismo e belicismo em suas escolhas ideológicas.

e) traduzem revolta e conformismo em seus padrões alegóricos.



Uma característica do mito é que ele, normalmente, busca explicar e fundamentar os diferentes aspectos da vida humana como, incluindo neste contexto, a história dos povos. Nas duas obras citadas, ocorre associação do mito com história.

